

## O Ato e o Verbo na Criação Jornalística

Cremilda Medina<sup>1</sup>

### Resumo:

A autora faz um balanço de quatro décadas de pesquisa, desde quando se iniciou no ensino superior, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1967), até a mudança de Porto Alegre para a capital paulista, em 1970, e a atividade que se projeta até os dias presentes na

Universidade de São Paulo e em outras instituições brasileiras, latino-americanas e européias. Nesse percurso, Cremilda Medina aborda três vertentes basilares: a dialogia social, a epistemologia da complexidade e a sensibilidade solidária. Na primeira vertente, expõe as pesquisas do que intitula “o signo da relação” ou a transformação das práticas de divulgação em efetivas ações comunicativas; a segunda vertente traz os subsídios da inter e transdisciplinaridade para a reversão das mentalidades reducionistas e desenvolvimento de ferramentas mentais que operem nexos complexos nos sentidos da realidade; e na terceira vertente, vale-se de “O gesto da arte” para a motivação afetiva do jornalista, no seu entendimento, um leitor cultural, cúmplice do “povo e personagem”. Os alicerces da proposta se enraízam na bibliografia contemporânea, nos laboratórios pedagógicos e na pesquisa empírica, o que sustenta a defesa da ação e da linguagem em processo de criação no Jornalismo e nas narrativas da contemporaneidade.

<sup>1</sup>Jornalista, pesquisadora e professora titular da Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo, é autora de onze livros e organizou 40 coletâneas.

### Palavras-chave:

Diálogo social, Narrativas da contemporaneidade, Epistemologia do Jornalismo, O gesto da arte, Leitor cultural.

### Abstract:

The author takes stock of four decades of research, from her initiation in higher education at the Federal University of Rio Grande do Sul (1967) up to her moving from Porto Alegre, State of Rio Grande do Sul, to the capital of the State of São Paulo, in 1970, and of the activity she has been developing that echoes into the present days at the University of São Paulo, and in other Brazilian, Latin-American, and European Institutions.

During such a “journey”, Cremilda Medina has approached three basic areas: the social dialo-

gue, the complexity epistemology, and the sympathetic sensibility. In the first area, she depicts researches that she names "Sign Relations", or the turning of pervasive practices into effective communicative actions; in the second area, she provides inter and transdisciplinary subsidies for changing reductionist attitudes, and for developing mental tools that work complex connections of the sense of reality; and, in the third area, she uses "The gesture of the Art" for the emotional motivation of a journalist, who she sees as a culture reader and "people and character" partner. The proposal foundations were deep-rooted into the contemporary bibliography, pedagogical laboratories, and empirical researches, which advocates action and language for creation processes of journalism and narratives of contemporariness.

### Keywords:

Social dialogue; narratives of contemporariness; journalism epistemology; the gesture of the art; culture reader.

### Introdução

As fórmulas que constituem a gramática consagrada da linguagem jornalística servem à mentalidade do racionalismo esquemático, mas não atendem à transformação promovida pela epistemologia da complexidade. Parece teorização cifrada, mas na prática da comunicação coletiva contemporânea cada vez mais se exige uma ação ética, técnica e estética que rompa com a rotina burocrática e instaure formas renovadoras na mediação social. A essa ação criadora, corresponde uma expressão autoral e não automatismos técnicos.

Várias abstrações teóricas se detêm na análise dos códigos da comunicação, seja no âmbito da semiótica, seja no domínio interdisciplinar das teorias culturais. Quase sempre se produz uma leitura crítica da comunicação associada à sociologia, à política e à ideologia. Raramente, no entanto, tais decifrações recebem, do conhecimento pragmático ou das práticas empíricas um acréscimo substantivo. No texto a seguir, entre as várias possibilidades de reflexão, se elege como recorte o código lingüístico e sua presença incontestante no signo da relação (2006). A opção pela experiência da mediação e a expressão autoral que a ela se segue também balizam esta exposição.

Em um longo percurso em que se formularam

propostas pedagógicas e no exercício profissional em diversas frentes da comunicação, cujos marcos datam do início dos anos 1960, a arte de tecer o presente (1973/2004) nasce da pesquisa em que o ato e o verbo estão intrinsecamente ligados. E o que rege esse elo é a visão de mundo não mais condicionada pelas fórmulas do jornalismo. Sair à rua ou se valer dos sofisticados equipamentos contemporâneos para responder a perguntas estereotipadas sobre a realidade não condiz com as demandas da polifonia e da polissemia das comunidades complexas. A complicada malha social, esteja ela interligada por instituições democráticas e tecnologias eficientes, esteja ela desorganizada no caos contingencial ou na exclusão de grandes contingentes humanos, exige comunicadores e vasos comunicantes não só para facilitar a distribuição dos sentidos que interpretam os fatos, mas principalmente para articular as múltiplas significações.

### Dos cerceamentos à abertura

A pesquisa da renovação da linguagem jornalística se aprofunda, em um primeiro momento, na passagem da década dos 60 para os 70, no século passado, quando se observam inquietudes e inovações nas mídias impressas

brasileiras. Os inerentes cerceamentos da ditadura militar se, por um lado, truncam um processo criativo da cobertura nacional, por outro, provocam o refinamento da investigação dos desmandos do autoritarismo (2001). A imprensa que consegue se confrontar com a censura exerce o clássico Quarto Poder, enquanto a sociedade civil resiste às ameaças da repressão e se organiza para reinstalar a democracia no País. No período que compreende o final dos anos 70 e o início dos 80, há um despertar do debate político na imprensa que, pouco a pouco, alcança a rádio e a televisão. O marketing jornalístico propõe à sociedade brasileira o pluralismo de opiniões, se alia à reconquista pluripartidária e migra, com vigor, para o marketing político, cuja operação passa ao comando de jornalistas e publicitários.

Vive-se, também nas duas últimas décadas do século XX, a euforia das tecnologias, da modernização das redações. A informatização e a Internet vêm para ficar em um cenário que promete a redenção dos incomunicados nas sociedades contemporâneas. Os brasileiros bem situados economicamente e de tendência cultural neopática, aderem a todas as novidades. A pesquisa acadêmica segue a moda, as máquinas mobilizam a atenção. Na contramão desse movimento, um projeto iria estudar e promover experiências de dialogia social na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Não se priorizaria o computador e suas maravilhas e sim a relação viva EU-TU (1986). Sem abdicar, no entanto, da agilidade das máquinas, o laboratório que se desenvolve então, em disciplinas teórico-práticas do curso de Jornalismo até 1997, se volta para a interação social criadora. A partir de 1998, o projeto se desloca para uma disciplina optativa aberta a todos os universitários e ao Programa da Terceira Idade da USP, sob o nome de "Narrativas da Contemporaneidade". O resultado culminante de vinte anos de

pesquisa: 27 livros-reportagem na Série São Paulo de Perfil.

Mas o que se pretende salientar, neste caso, é a proposta regida pela concepção dialógica, diria, trialógica. O signo da relação enlaça sujeitos geradores de informação, repórteres/editores e destinatários – a tríade de sujeitos sociais que se valem das mídias disponíveis no processo de comunicação social. As fontes de informação, o trabalho de campo dos jornalistas – reportagem – e a leitura crítica dos públicos geram desafios constantes para o pesquisador. Os mil exemplares de cada título da série são distribuídos em comunidades afetadas ao tema de cada livro-reportagem e os leitores têm devolvido, por meio de convênios com a escola de segundo grau ou saraus em bibliotecas públicas, consideráveis subsídios para a evolução de cada semestre pedagógico, para cada etapa de pesquisa da dialogia (2004).

Do trânsito dos repórteres no universo social e da leitura nas narrativas que eles produzem, se apreendem algumas propostas para a renovação da linguagem jornalística. São fatores de legibilidade e fruição: primeiro, a concretude da humanização, o que significa resgatar o protagonismo nas histórias de vida; depois, se desenvolvida literariamente, a força da palavra poética dos falares dos protagonistas e a narrativa das sutilezas do ambiente em que eles movimentam atraí o leitor e supera o esquematismo da linguagem tradicional do jornalismo ou do texto didático; a seguir, o contexto de cada tema, ao ampliar o panorama sócio-cultural das histórias contadas, sintoniza com o cotidiano do leitor. Saber narrar bem uma história como se faz na literatura, dá prazer e nada mais eficiente que o elemento lúdico da aventura humana.

O leitor nem sempre percebe, mas para a oficina de pesquisa é decisivo criar narrador ou narradores, que não se confundem com o autor, mas favorecem, no pacto literário, a

aproximação comunicativa dos protagonistas com os leitores. O laboratório de narrador, que não faz parte, das técnicas jornalísticas convencionais, tem sido uma experiência contínua de gratificantes realizações para os autores das narrativas da contemporaneidade. Embora seja custoso se livrar do narrador jornalístico ou acadêmico de terceira pessoa, distante e imparcial, quando o grupo percebe a riqueza da literatura e da criação de narradores de todas as pessoas verbais possíveis, o exercício vira festa. Ao experimentar contar uma história de diferentes pontos de vista (à falta de melhor denominação), os autores descobrem a dinâmica ao narrar a ação social e a esfericidade de seus protagonistas.

Nem tudo são êxitos. Os leitores críticos dos livros da série São Paulo de Perfil acusam a ineficiência de estatísticas, quadros e gráficos, quando descolados de personagens e histórias particularizadas. Outro dado a considerar: a linguagem, na comunicação coletiva, não pode abusar da abstração conceitual. O discurso de idéias não faz sucesso. A saga coletiva contém em si o ingrediente de identificação. Se esse "enredo" deve ou pode ser avaliado, as opiniões, por mais especializadas que sejam, não podem se sobrepor à ação dos protagonistas. Um texto se transforma em narrativa se reenunciar a aventura humana. Juízos de valor são mais efetivos se o leitor os interpreta a partir dos dados e da força dos fatos. Muitas vezes se trabalham artifícios para articular a voz de um especialista que conceitua determinada situação com a voz do protagonista que a vive no seu cotidiano. Uma verdadeira arte de tecer o presente, sem a supremacia dos universos conceituais ou ideológicos, típicos do jornalismo de tribuna.

Neste sentido, a pesquisa releve narrativas que dramatizam a ação dos protagonistas. Uma criação frontalmente contrária às fórmulas da tradição racionalista, como, no jargão jornalístico, o lide sumário e a pirâmide invertida ou a

rotina descarnada das repostas ao quê, quem, onde, quando e por quê. Os leitores, enquanto sujeitos participantes do projeto, valorizam certas chaves narrativas como as enumeradas, o que tem pautado a atualização das interrogantes da oficina em cada etapa letiva. Novos laboratórios se sucedem e a massa crítica acumulada serve de motivação para avanços pedagógicos e epistemológicos, partilhados com cada geração de estudantes. Interessante citar que muitos ex-alunos e bolsistas de iniciação científica seguem agregados ao projeto e colaboram continuamente na reportagem e edição da série. Outros, da pós-graduação, se incorporam como colaboradores. Assim se constitui, em tom jocoso, a Sociedade Amigos do São Paulo de Perfil.

## A voz dos parceiros da Ciência

Na tentativa de resumir a trajetória de pesquisa, é preciso registrar outro alicerce que se origina na pós-graduação, também nos anos 1980, e logo se integra à graduação. Da perspectiva inter e transdisciplinar, colhem-se outras diretrizes provenientes do Discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas (1990), o primeiro título da linha de estudos que vai somar contribuições à anterior, O diálogo social. Como projeto integrado de pesquisa, será então credenciado junto ao CNPq e contará com pesquisadores associados da USP e de outras universidades, em particular o sociólogo Milton Greco. Na última década do século passado e nos primeiros anos do século XX, foram editados na USP oito registros em livro na série Novo Pacto da Ciência (1991, 2005) e o nono título trará o diálogo das relações Brasil-Portugal, a ser publicado na Universidade Fernando Pessoa do Porto.

Dos encontros de diferentes disciplinas do conhecimento acadêmico, da arte e dos saberes

não disciplinados, extraem-se significativas vertentes paradigmáticas, inquietudes cotidianas e mudanças de mentalidade. A física, a matemática pára-consistente, a sociologia qualitativista, a antropologia, a comunicação social, a medicina, a química, as ciências ambientais, as neurociências, o direito, a economia, a psiquiatria ou a psicologia, de todas as vozes ouvidas e registradas na coleção Novo Pacto da Ciência, emerge uma complexa e pragmática epistemologia que partilha interrogações, geradas nas disciplinas e paradigmas consagrados. É gratificante notar que, ao reunir especialistas e aqueles que praticam a indisciplina da arte, a interação se torna não só viável como se abre à convivência com os saberes locais, a experiência do cotidiano ou as visões que transcendem a realidade palpável. O que aparentemente seria a negação do método científico amplia, ao longo da pesquisa de 1990 em diante, os sistemas epistemológicos e suas respectivas metodologias para o universo das incertezas, das concepções em processo contínuo de questionamento.

### A utopia inter e transdisciplinar

Já no primeiro seminário inter e transdisciplinar, em 1990, estavam postas as bases dessa trajetória. Dez especialistas, reunidos na Escola de Comunicações e Artes, atingiram o ponto culminante em suas discussões que, à partida, ofereciam obstáculos às interfaces. Porém, no fim de uma sessão matutina e de uma sessão vespertina, os participantes chegaram a decisivas propostas transdisciplinares. A primeira delas, no âmbito da epistemologia pragmática, ou seja, aquela que considera as conseqüências sociais e humanas da ciência, definiu o problema comum a todas as áreas de conhecimento: a atitude ética. Neste rumo, vem a seguir o que considero coluna vertebral da comunicação, o signo da relação. Trata-se da relação sujeito-sujeito, e não mais sujeito-objeto.

Isto projetado na metodologia científica traz implicações muito próximas da cidadania como, por exemplo, no consultório médico, a relação médico-paciente. As decisões quanto aos progressos da genética ou da biologia não estão circunscritas aos cientistas, e sim transitam no domínio da relação ciência-cidadania. Por isso mesmo, a tradicional divulgação da ciência vive a crise do paradigma sujeito-objeto, pois as mediações que a comunicação social pode desenvolver se equacionam de outra maneira, ou seja, ciência-sociedade, sociedade-ciência. A circularidade dos vetores da oferta científica e as demandas sociais, tema do oitavo livro da série Novo Pacto da Ciência (2005), reverte a unidirecionalidade da difusão das conquistas científicas.

A necessidade de interação entre as disciplinas acadêmicas, proposta que hoje varre os currículos tradicionais da universidade sob a rubrica da interdisciplinaridade, foi a terceira vertente abordada nesse memorável dia da primavera de 1990. Um bom exemplo foi o embate interno entre a física mecânica e a física quântica. O duelo só se desfez à tarde quando as questões transdisciplinares emergiram no debate coletivo. O confronto das fronteiras estritas dentro de uma área, no caso, a física, ou entre as diferentes áreas de conhecimento se desfaz quando se toca nas situações-limite da ética. Para tanto, muito contribui a medicina, a psiquiatria ou a psicologia quando, por exemplo, revelam os impasses das doenças mentais e a crise da instituição hospitalar (1999). Um outro tema emergente sacode qualquer dogmática disciplinar: quando a questão ambiental é posta na mesa de discussão, mais do que nunca se mobilizam a visão sistêmica, a dialógica dos saberes e a responsabilidade ética.

Ao revisar as questões mais candentes da Comunicação Social e, em particular, do Jornalismo, em um texto publicado nos anais do primeiro seminário (1991), aí seriam incluídas

noções epistemológicas interdisciplinares, com destaque para a contribuição dos físicos nas primeiras décadas do século passado. Todas convergem para o que se procura nas práticas do signo da relação ou no exercício do triálogo social. A dificuldade que essas noções oferecem ao comunicador reside no fato de não se tratarem de técnicas simplificadoras, hoje fixadas em manuais, e sim, de profundas mudanças de mentalidade e ferramentas mentais não contempladas pelas gramáticas vigentes das profissões. A propósito, tanto se pode falar do jornalista como do médico,

Eis o sumário de sete reversões possíveis de aplicar à produção de sentidos na comunicação social: 1) da noção de sujeito e objeto, passamos a compreender e atuar com a noção de sujeitos intercondicionantes, num processo de reversibilidade; 2) da noção simplista de causa e efeito, precisamos trabalhar com a complexidade da noção de inter e multicausalidade, uma rede de forças que se interagem; 3) da noção de universo sólido, passamos à noção de universo poroso, como um enxame, um redemoinho; 4) da noção de massa destrutível ou massa indestrutível, saímos desse dualismo dogmático para a noção de massa em transformação; 5) da noção de substância e acidente, passamos à noção de relação complexa; 6) da noção de que existe o ser da matéria e existe, em separado, a atividade do ser, avançamos para a noção de que o ser e sua ação não podem ser separados, constituem aspectos da mesma realidade; 7) da noção de certo e errado, devemos perceber que os dados da realidade não estão hierarquizados por determinada lógica, e sim, gravitam em torno da noção de coerência, de encaixe e sustentação no todo.

### Da física quântica à comunicação

Como ferramentas mentais, as noções antes enumeradas e propostas por físicos são requi-

sitos da razão complexa. Ao produzir significados nas narrativas da contemporaneidade, entre elas a narrativa do jornalismo, o autor da comunicação social pode simplesmente reduzir esquematicamente o sentido do que se passa à sua volta ou renovar e criar articulações simbólicas, valendo-se, entre outras noções, da pluri e intercausalidade das forças que atuam na circunstância real. Um acidente aéreo como o da TAM que vitimou 199 pessoas em julho de 2007 em São Paulo, é um trágico exemplo de como os jornalistas foram compelidos a compreender a intercausalidade, embora o raciocínio mais comum seja o da causa única.

Na pesquisa da epistemologia contemporânea, os encontros interdisciplinares do Projeto Plural e a Crise de Paradigmas pontuam a necessidade de os estudiosos de comunicação assumirem novos laboratórios, a exemplo de outras áreas do conhecimento. A tarefa, na graduação ou na pós, não é fácil, pois a cada desafio das sete noções acima citadas, há um horizonte laboratorial em que se busca a mudança praticamente radical da visão de mundo e dos modos de nele operar. Por isso a máquina não representa o fim do aprendizado, por mais que a inteligência artificial se torne complexa. O problema reside nos reducionismos da inteligência natural. Facilita trabalhar em laboratório de aprendizado, lidar com as situações da atualidade e analisar os comportamentos dos comunicadores. A componente pragmática do tipo, vamos ver o que se está fazendo em determinada cobertura e quais as ferramentas mentais que estão em jogo, dá vigor imediato à experiência pedagógica. O educando percebe as atrofias na interpretação dos fatos e as projeta para sua própria oficina.

Não esquecendo que os subsídios teóricos estão disponíveis para a superação das técnicas viciadas. Neste sentido, os estudiosos locais não vivem à margem de reflexões produzidas por epistemólogos do Norte. A bibliografia

consultada pelos pesquisadores brasileiros está atualizada no que tange às ciências humanas e, para citar uma referência obrigatória, a epistemologia da complexidade de Edgar Morin é minuciosamente trabalhada no País em vários centros de excelência. No mesmo rumo, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, em sua obra clássica, *Introdução à ciência pós-moderna* (1989), repercute com ênfase no grupo de trabalho da graduação e da pós-graduação. O terceiro volume da série *Novo Pacto da Ciência*, sob o título *Saber Plural* (1994), agrega no final da edição uma bibliografia comentada que reúne 70 autores de amplitude interdisciplinar. Já recentemente, o pensador da Universidade de Zaragoza, Daniel Innerarity, produziu um importante balanço da política contemporânea (2002). E, entre essas surpresas editoriais que às vezes acontecem, textos inéditos McLuhan (2005) vieram à tona para contrariar os estereótipos que se espalharam sobre a supremacia dos meios eletrônicos, numa vulgata caricatural do autor canadense.

Não se pode omitir também que, na última década do século passado, a pesquisa recebe decisivos influxos das neurociências e três autores se incorporam à oficina da dialogia social: Henrique Del Nero (Brasil), António Damásio (Portugal) e Luis Carlos Restrepo (Colômbia). A operação mental, a pesquisa de cérebro, a análise dos meios de captação do real coincidem com as observações registradas nos laboratórios de narrativas da contemporaneidade e o signo da relação. O que alimenta a linha pedagógica que se desenvolve há 40 anos (1967). A decisão ética do processo de interação social, eixo da obra de Del Nero (1997) e a valoração da sensibilidade solidária através da alfabetização afetiva de que nos fala Restrepo (1998) culminam com reinterpretação do pensamento, logo existo, em Damásio (2005). Ou seja, a interação social criadora proposta na comunicação social sintoniza cientificamente com

esses autores. O pensar complexo está ligado à intuição afetiva que, por sua vez, desencadeia o agir transformador. Quantos e quantos exercícios laboratoriais se sucederam nos últimos vinte anos para ensaiar um diagnóstico que se confirma assustadoramente: os universitários atuam conformados em esquemas racionais; a emoção encarcerada não desafia a razão; e os comportamentos seguem as rotinas do dia a dia das profissões.

A bibliografia e a experiência dos seminários sempre inter e transdisciplinares, encontros informais e, acima de tudo, o labor das tribos (para lembrar outro autor fecundante, Michel Maffesoli) de alunos e orientandos na Academia renovam a constante busca do signo da relação. O tempo da maturação inter e transdisciplinar só fez adensar o significado do mediador-autor na comunicação social. Como se, após um longo caminho de pesquisa, se voltasse à casa de origem com bagagem e energia multidisciplinares para exercer com ética solidária, técnica rigorosa e estética autoral a disciplina que se elege na divisão da estrutura acadêmica ou do trabalho em sociedade.

Verifica-se então que não há fragmentação do conhecimento científico, mas se descobre, até com encantamento, a noção de encaixe no todo. Desaparecem as descontinuidades entre a graduação e pós-graduação, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorado e pesquisas de pós-doutorado. A pedagogia dos afetos a esse universo epistemológico cria um ambiente favorável a novas atitudes perante o mundo. A despoluição dogmática desperta a pesquisa prazerosa da autoria consistente. O processo de formação se torna permanente e a rede se tece para além da universidade, com ou sem as facilidades velozes da Internet.

## O toque afetivo da arte

Autores como Damásio, das neurociências,

resgatam o toque afetivo na realidade como essencial na transmissão de estímulos à rede neural que ativa o pleno exercício da inteligência. Traduzidas dessa forma, as pesquisas contemporâneas em áreas especializadas do processo mental dão alento a outra experiência constante nos laboratórios do signo da relação, cognominada de o gesto da arte. A exposição às diferentes manifestações artísticas - literatura, cinema, música, artes plásticas, teatro, dança, fotografia ou escultura - desencadeia a sensibilização diante da circunstância histórico-cultural. *Povo e Personagem*, título da tese de livre-docência defendida na USP em 1989 e de livro a seguir publicado (1996), registra a proposta da leitura cultural para o comunicador. Um laboratório que se desdobra em dois experimentos: de um lado, o trânsito no mundo contemporâneo, vivência histórica da reportagem jornalística; e de outro lado, a impregnação artística despolui a observação dos fatos contemporâneos, reativa a percepção dos traços identitários de um povo.

O jornalista, enquanto leitor cultural se entrega à descoberta dos sentidos que tecem o presente, com esta dupla carga de estímulos, o de outras leituras que a arte oferece no domínio das particularidades humanas de suas personagens e a experiência da observação dos contextos e do cotidiano dos protagonistas sociais. *Povo e personagem* oferecem a oportunidade de que o autor dessa mediação possa partilhar, através dos suportes da comunicação coletiva, uma narrativa mais consistente e poética, realizar plenamente um ato cultural.

Não se esqueça que a interpretação de um povo e sua circunstância, muito deve à antropologia, aos estudos culturais, à sociologia, à história, à educação ou às demais áreas de conhecimento. Mas cabe ao produtor de sentidos da comunicação, se empenhar na decifração compreensiva do contexto social contemporâneo. O desbravamento se dá sem garantia de

explicações taxativas. Procura compreender, no entanto, o protagonismo humano, mergulha nas raízes históricas do acontecimento e colhe a pluralidade possível dos diagnósticos e prognósticos conceituais que os especialistas do assunto oferecem. Assim dito, parece abstrato. No entanto, os exercícios pedagógicos da formação do educando na graduação ou dos profissionais em nível de pós-graduação revelam que, para operar a leitura cultural e exercer a razão complexa, ajuda muito incluir a arte nesse percurso, já que, na experiência da sensibilidade intuitiva dos artistas, as personagens da ficção espelham os povos que as geram.

Se a arte "ilumina" cantos obscuros da realidade, mais fundo se lança no mito que transcende a realidade. Ou como diria Nicolau Svecenko, amplifica o grito dos desajustados. O historiador brasileiro desenvolve essa tese em *Literatura como missão* (1983), ao perceber o desejo de outra história da Primeira República na escritura de Lima Barreto e de Euclides da Cunha. O apelo que faz a seus parceiros para que freqüentem a literatura para se inspirarem na narrativa histórica, conflui com a prática pedagógica que se desenvolve com regularidade há vinte anos. Há de se salientar que o lúdico é sagrado. Nada de instrumentalizar uma obra de arte e dela extrair interpretações ou condutas. Tanto os jovens da graduação como alunos da melhor idade ou estudantes da pós-graduação, ao serem convidados para navegar nos rumos des governados da arte, saem afetados pelas alegrias e tristezas do ser humano.

O gesto da arte abre caminhos para o enlçamento da tríade da comunicação - produtores de informação, mediadores-autores e receptores ativos. A circularidade deste processo se trama na sociedade, cultura e mito. Quando os estudantes experimentam a força intrincada dos enredos imaginosos, dos traços culturais inconfundíveis e dos mitos universalizantes em uma obra como, por exemplo, o filme do



cinasta suíço Xavier Koeller, *A Viagem da Esperança* (1990), o projeto da linguagem dialógica e da comunhão poética se consumam, não importa o grau de maturidade do educando. A cada experiência dessas corresponde um avanço qualitativo na sutileza narrativa do acontecer contemporâneo. E não se trata de domínios formais do código em jogo, seja lingüístico ou não lingüístico. O que muda é a relação com o mundo, a sintonia com a cultura, o modo de ser de um povo. Como consequência natural, desdobram-se os modos de dizer, ou seja, as habilidades literárias para criar as narrativas da contemporaneidade.

A esta altura, três vertentes de aprendizado se integram: o diálogo social e a consequente mutação do conceito de divulgação para as práticas de comunicação social; o aprofundamento da razão complexa na crise de paradigmas que transcende o jornalismo e se faz presente em todas as áreas de conhecimento; e o refinamento da sensibilidade solidária pelo contato com a arte. A primeira vertente, que a comunicação disciplina, reverte os vetores unidirecionais, desmistifica as neopatias e relativiza o discurso da livre expressão. Prevalectem a pesquisa do diálogo possível e o direito social à informação. A segunda vertente refina

as mentalidades conservadoras e questiona as técnicas gramaticalizadas para aprender continuamente a pôr em dúvida dogmas das profissões e substituí-los por noções mutáveis, prática inter e transdisciplinar de uma epistemologia pragmática. Da terceira vertente, em que reina a indisciplina da arte, brota a energia da emoção que impulsiona a ação transformadora da produção simbólica.

Em um conjunto de 21 teses de doutorado, 23 dissertações de mestrado em Ciências da Comunicação da ECA e do Programa Latino-Americano de Pós-Graduação da USP, e 40 trabalhos de conclusão do curso de jornalismo, estão presentes, em síntese, as marcas digitais do projeto de ética, técnica e estética. Nesses autores, espalhados pelo Brasil e pelo mundo, a ação criativa que eles tecem assemelha-se não a uma teia de acabada, mas ao movimento imprevisível de um enxame de abelhas. Do ponto de partida na Universidade de São Paulo à chegada a outras instituições acadêmicas ou às empresas do mercado, esses inovadores estão inspirando novas gerações. E do mistério da multiplicação fica o encantamento pela rede coletiva, a contribuição de cada toque mágico na construção de linguagens a serviço da cidadania brasileira.

## Notas e referências

(2006) *O selo, Signo da Relação*, sintetiza um projeto teórico e aplicado, de 1999 a 2006, em seis anos e oito meses, na Coordenadoria de Comunicação Social (CCS), que reúne o complexo de mídias da Universidade de São Paulo. A reversão do conceito de divulgação da ciência para práticas de comunicação social encontra fundamento na pesquisa desenvolvida ao longo das décadas de 60, 70, 80, 90 e primeiros anos do século XXI. Publicado pela editora Paulus, de São Paulo, em 2006, o livro de mesmo título reúne ensaios sobre comunicação e pedagogia dos afetos, subtítulo da obra.

(1973-2004) O primeiro livro publicado, em coautoria com Paulo Roberto Leandro levantava, nos primeiros anos da década de 70, as ferramentas da grande reportagem ou do jornalismo interpretativo, que então se pesquisava. A publicação artesanal de 1973, sob o título *A arte de*

tecer o presente, imediatamente esgotou e nunca foi reeditada. Já nos primeiros anos do século XXI, jovens estudantes de Jornalismo da Paraíba cobraram da autora uma nova publicação, o que pareceu inacreditável após tanto tempo. Foi assim que decidi trabalhar não na atualização, mas em um novo livro que representasse as linhas de pesquisa posteriores. Publicado pela Summus Editorial, de São Paulo, saiu em 2004, *A Arte de Tecer o Presente, Narrativa e Cotidiano*, com um posfácio de Paulo Roberto Leandro. Diferente do primeiro título, desta vez alternam-se narrativas que se propõem praticar o que as reflexões teóricas subseqüentes defendem.

(2001) A historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, da Universidade de São Paulo, organizou um volume de ensaios que abordam a censura na ditadura militar de 1964. Entre os textos que compõem *Minorias silenciadas*, uma coedição da Edusp e Fapesp de 2001, publiquei um balanço do jornalismo nas sociedades autoritárias, sob o título, *As múltiplas faces da censura*, páginas 421.

(1986) Parte do doutorado, *Modo de ser, mo'dizer*, defendido na Universidade de São Paulo em 1986, saiu, no mesmo ano, pela editora Ática, *Entrevista, o diálogo possível*, que expõe a análise das componentes autoritárias da entrevista jornalística e desenha a relação interativa sujeito-sujeito. A parte da tese não publicada precede o texto que foi aproveitado no livro, e experimenta narrativas do bairro de Higienópolis, em São Paulo, em que se busca a dialogia social na comunicação.

(2004) No livro *A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano*, antes citado, se inclui um capítulo que traça o histórico da série *São Paulo de Perfil*, sob o título *O diálogo possível*, página 30. A coleção que reúne 27 livros-reportagem representa o ato culminante da pesquisa e laboratórios dos estudantes de graduação. De 1987 a 1997, o projeto se situava no curso de Jornalismo; nos últimos dez anos, ao migrar para um espaço novo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, o *Forum Permanente Interdisciplinar*, os títulos desse período agregam textos da autoria de alunos de várias unidades universitárias e do Programa da Terceira Idade da USP que freqüentam a disciplina optativa, *Narrativas da Contemporaneidade*.

(1990) Neste ano, ao organizar o *Primeiro Seminário Inter e Transdisciplinar* a partir da pós-graduação de Ciências da Comunicação, se propôs um debate entre cientistas das várias áreas de conhecimento. Quatro meses de preparação do seminário foram necessários para encontrar conteúdos de um diálogo possível, mediado pela comunicação social e contextualizado na epistemologia pragmática, ou seja, aquela que afere as conseqüências humanas e sociais dos avanços da ciência.

(1991-2005) O seminário acima citado deu origem ao projeto de pesquisa, primeiramente nomeado *O discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas*, depois, *Projeto Plural e a Crise de Paradigmas*. Ao se institucianalizar como projeto integrado de pesquisa junto ao CNPq, o percurso de seminários e encontros originou a série *Novo Pacto da Ciência*, que de 1991 a 2005, reúne oito volumes editados na USP e o nono está no prelo, a ser publicado na Universidade Fernando Pessoa, do Porto, Portugal.

(2005) O oitavo título da série *Novo Pacto da Ciência*, incorpora a discussão das diferentes áreas de conhecimento – humanas, biológicas e exatas – e os comunicadores. *Ciência e sociedade, mediações jornalísticas*, para além de expor as dificuldades da relação entre fontes especializadas e profissionais da imprensa ou mídias eletrônicas, alcança um outro patamar no tradicional embate da difusão da ciência, resgatando a dialogia ciência-sociedade, sociedade-ciência na

comunicação coletiva.

(1999) Vale referendar um ensaio publicado no 7º volume da mesma série, página 195, Caminhos do Saber Plural, cujo autor, o professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, Artur Teles de Araújo, reflete sobre a crise geral das instituições hospitalares. Em Paradigma do hospital no tratamento de doenças, o médico português traça um amplo histórico e uma análise sociológica que abrangem, inclusive, as Santas Casas que vieram para o Brasil no século XVI. Nesse espectro de tempo, o ensaísta percorre dos primórdios institucionais até chegar aos impasses contemporâneos.

(1991) O primeiro volume que registra os anais do seminário inter e transdisciplinar deu o nome à série, Novo Pacto da Ciência. Após a transcrição do encontro, encontram-se artigos de uma parte dos participantes e o último texto, de autoria da organizadora. Nele, proponho o Jornalismo e a epistemologia da complexidade, página 193. Havia apresentado essa comunicação em 1990, na 17ª Conferência da International Association for Mass Communication Research, na antiga Iugoslávia, mas as linhas de pesquisa aí esboçadas tiveram mais repercussão na inter e transdisciplinaridade do Projeto Plural, do que no âmbito disciplinar dos congressos locais e internacionais da comunicação social.

(1989) Entre a extensa obra do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, uma tem especial repercussão na crise de paradigmas contemporânea. Trata-se de Introdução à ciência pós-moderna, publicada no Rio de Janeiro pela editora Graal em 1989. Neste livro se encontra um extenso painel das ciências sociais em que o autor faz a defesa contemporânea uma epistemologia eticamente sustentável do ponto de vista social.

(1994) Os pesquisadores agregados ao Projeto Plural sentiram a necessidade de registrar, no terceiro título do Novo Pacto da Ciência, cujo título expressa a vocação inter e transdisciplinar, uma bibliografia comentada. Saber Plural oferece assim a socialização das principais referências das linhas de pesquisa do grupo.

(2002) A transformação da política, de Daniel Innerarity, publicado em 2002 na Espanha e em 2005 pela editora Teorema de Lisboa, recebeu o Prêmio de Ensaio Miguel de Unamuno e o Prêmio Nacional de Literatura (ensaio). Professor de história da filosofia na Universidade de Zaragoza, o autor oferece, nesta obra, um fato cardápio para a crise de paradigmas na política, como documentam as três partes do livro: o conceito de político, a nova lógica social e a nova cultura política.

(2005) Ao saírem no Brasil, pela Ediouro, entrevistas e conferências inéditas de Marshall McLuhan, surge a oportunidade de revisitar o pensador canadense. O livro McLuhan por McLuhan remete o leitor para um universo sutil das polêmicas do autor, muito distantes das caricaturas do “profeta da globalização” que se irradiaram dos anos 1960 em diante. Como professor de literatura, vale a pena considerar, entre outras reflexões, o peso que atribuí ao livro e à era de Gutemberg.

(1967) Ao entrar no ensino superior, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, três anos após os cursos de graduação em jornalismo e letras, logo surgiu a necessidade de estruturar um projeto de pesquisa, que recebeu o título A estrutura da mensagem jornalística. Na mudança para São Paulo, em dezembro de 1970, a imediata experiência na Universidade de São Paulo foi decisiva. Como docente do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA e aluna do

primeiro curso de pós-graduação da América Latina em Ciências da Comunicação, o trabalho acadêmico na USP, uma universidade de pesquisa, deu fôlego suplementar à dissertação de mestrado que havia sido esboçada em Porto Alegre nos últimos anos 1960. O mestrado, defendido em 1975, será publicado sob o título de *Notícia*, um produto à venda – *Jornalismo na sociedade urbana e industrial*, na mesma década (a edição atual está na Summus Editorial).

(1997) *O sítio da mente, emoção e vontade no cérebro humano*, do psiquiatra e epistemólogo brasileiro Henrique Schützer Del Nero, foi publicado em São Paulo pela Collegium Cognito em 1997.

(1998) No ano seguinte à obra antes citada, era traduzido no Brasil o livro do psicanalista e epistemólogo colombiano Luis Carlos Restrepo, *O direito à ternura*, pela Editora Vozes.

(2005) *Chega ao Brasil já no século XXI O erro de Descartes*, a obra do neurocientista português António Damásio, publicada pela Companhia das Letras.

(1996) A tese de livre-docência apresentada, na USP, em 1989, circulou entre os alunos de graduação e os estudantes de pós-graduação em cópias do original até um dos doutorando, André Toní Sharlau, professor da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), do Rio Grande do Sul, tomar a si a tarefa de publicar na editora desta universidade de Canoas, com o mesmo título da tese, *Povo e Personagem*. Este trabalho, por sua vez, se remete ao panorama dos escritores de ficção e poesia em língua portuguesa, elaborado nos anos 1980, e que resultou em três livros: *Viagem à literatura portuguesa contemporânea*, Rio, Nórdica, 1983; *Escritor Brasileiro Hoje*, A Posse da Terra, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985; e *Sonha Mamana África*, São Paulo, Edições Epopéia, 1987.

(1983) A tese de doutorado do historiador Nicolau Svecenko, da USP, originou o livro *A literatura como missão*, publicado pela Brasiliense, de São Paulo.

(1990) O filme *A Viagem da Esperança*, do cineasta Xavier Koeller, aborda a migração da Turquia para a Suíça, terra natal do diretor.